

# Movimentos sociais contemporâneos: paradigmas teóricos e uma aproximação das mobilizações brasileiras de 2013 com o modelo *Occupy Wall Street*

## Contemporary social movements: theoretical paradigms, and an approximation of Brazilian mobilizations of 2013 with the Occupy Wall Street model

Fernando Henrique Baena Alli <sup>1</sup>  
Helio Gustavo Mussoi <sup>2</sup>  
Daniele Prates Pereira <sup>3</sup>

### Resumo

O presente artigo surgiu de indagações acerca das movimentações sociais contemporâneas, suas novas formas de expressão e apresentação no universo real e virtual. A partir deste olhar, tornou-se imprescindível discutir-se as concepções de movimentos sociais e suas diversidades de compreensões teóricas através de barreiras de tempo e espaço. O artigo se propõe então a analisar tais concepções, tentando verificar quais características estão presentes em movimentações como o “*Occupy Wall Street*”, dentre outros, como as ocupações das ruas brasileiras na busca de demandas sociais genéricas tomando espaços desde as maiores cidades até o interior. O objetivo maior será compreender os novos movimentos sociais e estabelecer traços comuns entre as configurações de manifestações de insatisfação social contemporânea. A coleta de dados será bibliográfica e a abordagem será realizada com base no método dedutivo.

**Palavras-chave:** Democracia. Movimentos Sociais. *Occupy Wall Street*. Organizações Reais e Virtuais.

### Abstract

This article arose from inquiries about contemporary social movements, new forms of expression and presentation in the real and virtual world. From this look, it became imperative

---

<sup>1</sup> Acadêmico o 3º ano do Curso de Direito da UNIOESTE campus de Francisco Beltrão/ PR. Bolsista do Grupo de Estudos em Direito, Democracia e Sociedade (GEEDS). Contato: [fernando\\_alli@hotmail.com](mailto:fernando_alli@hotmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmico o 3º ano do Curso de Direito da UNIOESTE campus de Francisco Beltrão/PR, estagiário da Justiça Federal/PR e JEF Cível e Criminal. Integrante do Grupo de Estudos em Direito, Democracia e Sociedade (GEEDS). Contato: [heliomussoi@gmail.com](mailto:heliomussoi@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduação em Direito UEPG/PR, Mestre em Ciências Sociais Aplicadas UEPG/PR, docente curso de Direito e pesquisadora no Grupo de Estudos em Direito, Democracia e Sociedade (GEDDS) na UNIOESTE campus de Francisco Beltrão/PR. Contato: [dany\\_ppereira@hotmail.com](mailto:dany_ppereira@hotmail.com)

discuss the conceptions of social movements and their diversity of theoretical understandings through barriers of time and space. The article then proposes to examine these concepts, trying to see which features are present in movements like "Occupy Wall Street", among others, as the occupations of Brazilian streets in search of generic social demands taking spaces from the largest cities to the interior. The ultimate goal will be to understand the new social movements and establish commonalities between configurations of contemporary manifestations of social discontent. Data collection will be literature and the approach will be based on the deductive method.

**Keywords:** Democracy. Sociais.Occupy Wall Street model. Real and Virtual Organizations.

## 1. Introdução

As recentes manifestações ocorridas no Brasil no mês de junho de 2013 causaram um grande impacto na consciência geral e estruturas de poder do Estado Brasileiro, revelando uma nova forma de organização popular. Tais mobilizações, com características comuns e também diversas dos movimentos sociais como concebidos pela maioria das teorias, diferenciam-se de tudo que se esperava de um movimento social, reforçando o paradigma verificado no movimento social conhecido como *Occupy Wall Street*, ocorrido nos Estados Unidos, em 2011 (com as suas devidas diferenciações culturais, políticas, sociais e econômicas).

Nesse contexto de mudanças, faz-se necessário analisar a teoria dos movimentos sociais, a forma de atuação dos mesmos, bem como as novas características que deles decorram, tanto no que se diferem como no que coincidem.

A discussão da temática é relevante tendo em vista que possibilita maior compreensão dos sujeitos contemporâneos e de sua forma de expressar suas demandas sociais, tecendo assim um diálogo com o Poder Público.

Assim, utilizando-se do método dedutivo, caracterizaremos as diversas concepções acerca dos movimentos sociais, seus paradigmas e suas escolas, especialmente tomando por base o referencial teórico de Maria da Glória Gohn, autora representativa na temática, o que foi percebido no decorrer da pesquisa por força de a maioria dos textos redirecionarem suas construções aos estudos de Gohn.

O artigo apresenta então, num primeiro momento, os paradigmas de acordo com a divisão e pelos critérios adotados por Gohn. Em um segundo momento, serão caracterizados os novos movimentos sociais e as suas particularidades e no que diferem ou naquilo em que se aproximam dos movimentos sociais tradicionais. Finalmente, em um último momento apresentaremos o movimento *Occupy Wall Street* como emblemático dos movimentos

contemporâneos, fazendo o diálogo entre os atuais movimentos ocorridos pelo Brasil, buscando traçar se estes caracterizam também um novo paradigma de mobilização e organização social na luta por direitos.

## **1 PARADIGMAS EXPLICATIVOS SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS**

### **1.1 Paradigma Clássico norte-americano (Escola de Chicago)**

Existe certo consenso em definir como clássico o paradigma que durou até os anos 60 do século passado. (GOHN, 2002, p.23) Dessa forma, a escola de Chicago se encaixa neste *rol* por ter iniciado produção a partir de 1892 com W. I. Thomas. Observa-se que a produção desta escola, depois de um tempo de hibernação, foi retomado nos anos 90 quando voltou a pauta dos debates relacionados sobre os movimentos sociais.

De orientação reformista a Escola tinha a ideia de reformar uma sociedade convulsionada rumo a um caminho harmonioso e estável tendo o indivíduo e a sociedade como enfoque básico (GOHN, 2002, p. 27) No que tange a Escola de Chicago é importante ressaltar a valorização da sociologia como a disciplina de investigação assim, como a reforma seria importante para o progresso acreditava-se que a sociologia tinha um papel importante neste processo de reforma. No que diz respeito as reformas, surge um personagem com um papel de suma importância: as lideranças, indivíduos deveria incentivar a mudança por meio de seus próprios exemplos pessoais. (GOHN, 2002, p.28) Da mesma forma, também caberia aos líderes equacionar os resultados provenientes do conflito do qual se geraram os Movimentos sociais, uma vez que seriam aqueles o início dos movimentos (Pág. 29). Assim, Gohn (2002, p.29) confirma que “Os movimentos eram vistos como ações advindas de comportamentos coletivos conflituosos”. E nesses movimentos seriam os líderes os agentes apaziguadores e não os causadores. Nesta ideia de lideranças, os problemas surgem quando ocorre a elitização dos movimentos sociais que estariam, de acordo com a autora, ligados a “elites reformistas”. Assim, também surgiriam problemas como quando os movimentos fugissem do controle de seus líderes, seguindo desta maneira caminhos diversos dos inicialmente propostos. Essa é a chamada de teoria da mudança social que tem a sua base na educação e na criação de instituições.

Dos autores da Escola de Chicago, se destaca Herbert Blumer que definiu os movimentos sociais como “empreendimentos coletivos para estabelecer uma nova ordem de vida. Eles surgem de uma situação de inquietação social, derivando suas ações dos seguintes pontos: insatisfação com a vida atual, desejo e esperança de novos sistemas e programas de vida.” (GOHN, 2002, p. 30)

A referida autora, ao analisar a obra de Blumer, observa que ele dividiu os movimentos sociais em três tipos: genéricos, específicos e expressivos. Os movimentos genéricos teriam importância “por serem indicadores de direção. Quando surgem, seriam desorganizados e teriam objetivos vagos” (Pág.32) Prosseguindo nas categorias delimitadas por Blumer, surge a segunda categoria a dos movimentos específicos, assim “Eles representam a cristalização das motivações de descontentamento, esperanças e desejos despertados pelos movimentos genéricos.”

Por último foram conceituados os movimentos sociais expressivos segundo ele “Eles não têm objetivo de mudança e divulgam um tipo de comportamento expressivo que com o passar do tempo, torna-se cristalizado e passa a ter profundos efeitos na personalidade dos indivíduos, e no caráter da ordem social em geral.” (GOHN, 2002, p. 35).

Por fim, “o modelo americano busca em suas análises compreender a participação ou não dos indivíduos nas ações coletivas a partir dos incentivos, ou seja, dos ganhos individuais para o engajamento.” (ORGANISTA, SANTIOS e CAMPOS, 2013, p. 04).

Observa-se que esta é uma corrente que se preocupa de forma determinante com os comportamentos coletivos das massas, vendo-o também como fruto da anomia e das condições estruturais de carências e privações. Essa corrente, conforme apontado por Gohn (2002, p. 30) se utilizava da sociologia como disciplina autônoma de investigação e foi relevante do ponto de vista metodológico por fornecer elementos para a pesquisa sobre os movimentos sociais.

## 1.2 Paradigmas Europeus

A grande diferença consistente dos modelos paradigmáticos americanos e europeus, de acordo com Organista, Santos e Campos (2013) é que a análise europeia, diferentemente da americana, pauta-se na ideia de identidade coletiva proveniente da estrutura do conflito. Dessa forma, há a divergência das análises no que se refere aos atores dos movimentos sociais.

Sendo assim, os paradigmas europeus são marcados por duas vertentes: 1) vertente de concepções marxistas e, 2) vertente dos Novos Movimentos Sociais (NMS).

Sobre as vertentes marxistas, Gohn (2002, p. 171) aponta que o foco para tal análise parte da luta histórica das classes e camadas sociais subordinadas: “O marxismo não é apenas uma teoria explicativa mas é também uma teoria orientadora para os próprios movimentos. Por isto muitas vezes suas análises se assemelham a um guia de ação[...]” (GOHN, 2002, p. 173)

Para a autora, os movimentos, a partir da abordagem marxista, não surge de forma espontânea: “o que gera os movimentos sociais são organizações de cidadãos, de consumidores, de usuários de bens e serviços que atuam junto a bases sociais mobilizadas por problemas decorrentes de seus interesses cotidianos” (GOHN, 2002, p. 174). Existem abordagens mais tradicionais e também visões mais contemporâneas, baseadas em releituras de Marx, constituindo assim, dentro desta corrente, concepções neomarxistas que tentam aproximar as teorias tradicionais para a realidade contemporânea dos diálogos dos grupos sociais com o Estado.

Todavia, para o estudo ora proposto, a vertente dos Novos Movimentos Sociais é a que mais se aproxima das práticas analisadas, motivo pelo qual, discorreremos mais amplamente sobre este modelo de pensamento. Importante destacar que a perspectiva teórica dos NMS foi iniciada na Europa pós anos 60, sendo que muitos estudiosos de vertentes marxistas passaram a verificar transformações nas manifestações populares, que começaram a expressar demandas não mais referentes apenas às classes, mas também culturais e identitárias. A partir deste momento, tais teóricos iniciaram a construção dessa nova vertente, existindo até mesmo dificuldades, em alguns momentos, em classificar teóricos europeus estudiosos dos movimentos sociais entre Marxistas, Neomarxistas e dos Novos Movimentos Sociais.

Gohn (2002) discorre que um dos autores mais representativos deste período o teórico espanhol Castells, que, como já apontado, transitou entre vertentes iniciais marxistas e, posteriormente direcionou-se para análises mais contemporâneas das práticas de mobilizações sociais. Para o autor, a movimentação social é a mediadora da transformação, já que estabelece um diálogo entre os grupos sociais e o Estado:

Os movimentos sociais não são agentes de transformação social. Eles possuem limites políticos e técnicos. Estão sujeitos ao jogo do clientelismo político, em troca de demandas imediatas. [...] os movimentos são fundamentais para uma gestão democrática da cidade, porque são os verdadeiros diagnosticadores das necessidades coletivas. (CASTELLS citado por GOHN, 2002, p. 192-193).

O autor refere-se especialmente sobre os movimentos sociais urbanos, porém, muitas outras manifestações passam a surgir, sendo caracterizados como NMS.

As teorias marxista-estruturalista, somadas às concepções dos NMS e com o paradigma norte-americano influenciaram algumas discussões teóricas acerca dos movimentos sociais latino-americanos. Porém, como afirma Gohn (2002), as movimentações populares na América Latina se construíram de forma bastante peculiar, sendo poucos os estudos teóricos em relação aos mesmos, inexistindo um paradigma claro acerca destes.

## 2 NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS E O CASO WALL STREET

### 2.1 Movimentos sociais contemporâneos

Neste tópico trataremos dos novos movimentos sociais, exemplificados através do americano “*Occupy Wall Street*” iniciado em 2011, dirigido principalmente contra o sistema financeiro da economia, estabelecendo conexões deste com o recentíssimo caso brasileiro, de junho de 2013, principiado pelo movimento denominado “passe-livre”, cujo estopim fora o aumento nos preços das passagens, dos falhos transportes públicos e que, no caso, representam tentativas da sociedade mostrar sua insatisfação guardada com as falidas instituições do Estado, e também de recuperar ao menos parte da sua autonomia.

Uma das características que particulariza os novos movimentos sociais, comparados com os “anteriores” é a questão da hierarquia:

A mudança do eixo das demandas da economia para um patamar mais cultural refletiu-se na organização dos Novos Movimentos Sociais fazendo com que se apresentem mais descentralizados, sem hierarquias internas, com estruturas colegiadas, mais participativos, abertos, espontâneos e fluidos. As lideranças continuam a ter importante papel no esquema de análise dos NMS. Mas elas são apreendidas atuando em grupos, formando correntes de opiniões. Não há lugar nesta estrutura para os velhos líderes oligárquicos, que se destacavam por sua oratória, por seu carisma e poder sobre seus liderados. Disto resulta que os movimentos passaram a atuar mais como redes de troca de informações e cooperação em eventos e campanhas. (GOHN, 2002, p. 126).

De fato, se antes havia maior disciplina e objetivos razoavelmente delimitados nos movimentos “estáticos”, rompe-se com a ideia e passa-se para um sistema mais desorganizado de luta social perante as insatisfações que a modernidade não pode resolver, retratando a fluidez dos NMS (novos movimentos sociais).

É o que se extrai de Bauman (2001, p. 38), o qual, corroborando com o pensamento ao analisar a modernidade líquida (categoria usada para referir-se à realidade contemporânea), explicou que no atual estágio da sociedade, ao contrário de tempos anteriores, as lideranças

praticamente inexistem. Assim, influencia-se na maneira de como o sujeito trata a sua existência, pois há apenas “outros indivíduos”.

Neste prisma, retratado as lideranças, vale destacar de quem se trata o manifestante nesses novos movimentos sociais. Este sujeito insere-se em um “coletivo difuso, não hierarquizado, em luta contra as discriminações de acesso aos bens da modernidade, e, ao mesmo tempo, crítico de seus efeitos nocivos, a partir da fundamentação de suas ações em valores tradicionais, solidários, comunitários [...]” (GOHN, 2002, p. 122-123).

Ainda, neste sentido:

Para o autor, os novos problemas sociais têm relação com qualidade de vida, igualdade de direitos, auto-realização individual, participação e direitos humanos. Contrastando com a velha política dos trabalhadores, a nova política advinda dos novos movimentos sociais advém basicamente da nova classe média, da geração dos jovens e dos grupos sociais com mais alto grau educacional. Os novos movimentos estão localizados na esfera sociocultural, e a ênfase de suas atividades está em temas como motivações, moralidade e legitimação. (HABERMAS citado por GOHN, 2002, p.140).

No tocante aos objetivos dos novos movimentos sociais, é importante destacar que estes movimentos pós-modernos tem, em geral, como características corriqueiras a busca da sociedade civil por melhorias pontuais, problemas cotidianos de um indivíduo que está sendo oprimido em um sistema contraditório e imperfeito, cujo aumento de produtividade ao longo dos últimos tempos não serviu para corresponder as suas necessidades.

Ainda no tocante aos problemas do indivíduo na atual sociedade, aponta Nunes que:

Mas esta tecnologia altamente sofisticada exige cada vez menos trabalhadores, que produzem cada vez mais bens por unidade de tempo de trabalho, do mesmo modo que a concorrência entre os trabalhadores à escala mundial facilita a adoção de políticas orientadas para fazer baixar os salários reais e acentua os efeitos destas políticas. (NUNES, 2012, p. 69).

Assim, verifica-se o descompasso entre a evolução que a modernidade proporcionou e as efetivas mudanças, tentativas de melhorias de condições que a sociedade civil recebeu, nada satisfatórias. Assim, sob novo contexto e mesma situação fática, surgem essas novas expressões de insatisfação social. Ademais, sobre o tema, Gohn, os novos movimentos sociais têm como fundamento:

A questão das utopias ressurge em algumas das análises com bastante vigor, como mola mestra a canalizar forças sociais. A defesa da autonomia se faz no plano da sociedade civil contrapondo-se ao poder do Estado, dos governos e seus

aparelhos; combate-se a ingerência estatal nos assuntos da vida cotidiana dos indivíduos. (GOHN, 2002, p. 135).

De maneira oportuna, Touraine explora os efeitos das novas movimentações sociais:

Para Touraine, os movimentos sociais são fruto de uma vontade coletiva. “Eles falam de si próprios como agentes de liberdade, de igualdade, de justiça social ou de independência nacional, ou ainda como apelo à modernidade ou à liberação de forças novas, num mundo de tradições, preconceitos e privilégios” (TOURAINÉ citado por GOHN, 2002, p. 145).

Uma das características que deve ser destacada destes novos movimentos sociais é o chamado distanciamento e perda da confiança que a sociedade civil tem a respeito das instituições políticas, com a diluição das ideologias de classe e desilusão a respeito dos partidos políticos. Nesse viés, segundo Touraine, busca-se amparo na luta para que se respeite direitos humanos fundamentais.

Mesmo que raramente tenhamos a força necessária para defender os direitos do indivíduo contra os da comunidade, experimentamos a mais viva desconfiança no tocante às instituições encarregadas de punir os desviantes e os criminosos, ou mesmo de cuidar das minorias e dos deficientes. Sempre tememos que o que se chama de interesse da sociedade ignore o direito e que cada um tem de se tratado como sujeito, respeitando o que chamamos de *direitos humanos* fundamentais. Este apego aos direitos humanos vem acompanhado de uma perda de confiança e de respeito para com as instituições e os atores coletivos, particularmente políticos, que por tanto tempo foram portadores da soberania popular e cuja legitimidade foi durante certo tempo superior à de todas as outras instituições. (TOURAINÉ, 2011, p. 127)

Pode-se afirmar seguramente que um ponto de grande destaque na transformação dos movimentos sociais foi a entrada na era da informação, isto é, a evolução tecnológica principalmente no campo das telecomunicações, por exemplo, o advento da Internet e das redes sociais, que geraram uma nova perspectiva, totalmente diferente de como se encarar as relações sociais, entre os grupos da própria sociedade.

Mas a Internet é mais que um mero instrumento útil a ser usado porque está lá. Ela se ajusta às características básicas do tipo de movimento social que está surgindo na Era da Informação. E como encontraram nela seu meio apropriado de organização, esses movimentos abriram e desenvolveram novas avenidas de troca social, que, por sua vez, aumentaram o papel da Internet como sua mídia privilegiada. (CASTELLS, 2003, p. 115)

Além dessa importante modificação, cabe destacar que a institucionalização dos movimentos sociais se tornou dispensável e desnecessária, pois o elemento de aglutinação de indivíduos se tornou muito mais fácil através da Internet, e em específico das redes sociais.

Trata-se de puro movimento, não de um precursor de novas instituições.



Isso não é novo na história, em absoluto. De fato, essa informalidade e espontaneidade relativas forma, em geral, marcas dos movimentos sociais mais produtivos. A novidade é sua interconexão via Internet, porque ela permite ao movimento ser diverso e coordenado ao mesmo tempo, engajar-se num debate permanente sem contudo ser paralisado por ele, já que cada um de nós pode reconfigurar uma rede de suas afinidades e objetivos, com superposições parciais e conexões múltiplas. (CASTELLS, 2003, p. 118)

Assim, perde-se em parte a importância a solidez das corporações (típicas dos antigos movimentos), para a facilidade que a fluidez dos meios de comunicação proporcionam, despontando um novo horizonte que são os Novos Movimentos Sociais.

## **2.2 O movimento emblemático *Occupy Wall Street***

O movimento social em tela, denominado “Occupy Wall Street”, surgiu na cidade de Nova York, em 17 de setembro de 2011 e se espalhou para as grandes cidades dos Estados Unidos e da Europa, nele se reuniram milhares de pessoas, na grande maioria jovens das mais diferentes origens e classes sociais, tendo o seu ponto alto nos dois primeiros meses. Após tal período, as inúmeras dificuldades de permanência (apesar do apoio da população em geral, por exemplo, com recursos e mantimentos), a eficácia dos órgãos de segurança no combate e desalojamento dos manifestantes resultou numa perda de parte da força ativa nos protestos.

Pode-se afirmar que, em suma, as reivindicações dos manifestantes do movimento OWS (Occupy Wall Street) eram contra o sistema como um todo, mas especificamente com a crise americana proveniente da bolha imobiliária ocorrida em 2008 e seus efeitos, que perduram a longo prazo, ademais a ganância e o monopólio do poder econômico, financeiro e político das oligarquias, aliado a seus privilégios. (GAZETA DO POVO, 2011a e 2011b).

Contudo, devemos ressaltar que todas esses protestos e exigências não estavam sob uma mesma bandeira, pois a exemplo do que ocorre nos Novos Movimentos Sociais, havia a ausência de unificação das demandas, tendo infinitos pedidos individualizados e diferentes entre si, reflexo da ausência de lideranças, assim como, a falta de uma pauta de lutas. Assim, podemos definir as demandas como demandas individuais, apesar da geral descrença no sistema ser partilhada por todos e busca por maior participação nas decisões.

Neste prisma, Nunes analisa a situação das crises econômicas, em especial da americana:

A ultrapassagem das crises do capitalismo vem-se revelando uma tarefa cada vez mais difícil de resolver, porque, nas condições referidas, não é fácil arrancar o processo de acumulação de capital, traduzido na recuperação da economia e na criação de emprego. Apesar da enorme injeção de capitais públicos, os EUA

continuam, em meados de 2011, com 14 milhões de desempregados. (NUNES, 2012, p. 70)

Neste sentido, interessante apontar também o “bordão” que particularizou e definiu o movimento OWS, que fora o “*nós somos o 99%*”, que assim, distinguia grande parte da população que sofria com os efeitos da especulação financeira e da debilitada política social neoliberal norte-americana, do limitado 1% restante, representado pelo sistema financeiro, e quem faz parte dele. (GAZETA DO POVO, 2011a).

Tal bordão reforça a característica de coesão dos novos movimentos sociais pela insatisfação generalizada. Ou seja, o elemento aglutinador do movimento era o fato de todos serem parte dos 99% da população sofrendo lesões ou abusos do sistema, ademais, cada grupo tinha demandas específicas, ou sequer apresentavam demandas, apenas apoiavam as manifestações nas redes de internet, auxiliando os que estavam mobilizados como podiam, mesmo que fosse enviando alimentos para os acampamentos.

Assim, o movimento Occupy Wall Street representou, hodiernamente, tudo aquilo que em suma caracteriza os novos movimentos sociais, graças ao uso da Internet e especificamente das redes sociais, a descentralização, não hierarquização, diversidade de demandas e fluidez dos protestos. Quanto a seus efeitos, não é possível ainda defini-los com clareza, mas os debates que gerou com certeza permanecerá na consciência geral da população.

### **3 MOBILIZAÇÃO SOCIAL BRASIL/2013: UMA APROXIMAÇÃO COM A TEORIA DOS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS E O “OCCUPY WALL STREET”**

No Brasil, as manifestações que tomaram o país, foram motivadas, inicialmente, pelo aumento de R\$ 0,20 nas passagens do transporte coletivo na cidade de São Paulo. No entanto, mesmo diante da indiferença inicial da imprensa, elas se espalharam de forma viral por todo o país, sendo registradas de norte a sul e de leste a oeste, clamando por mudanças. Após esta evolução, nas novas manifestações havia-se descentralizado as reivindicações, passando das insatisfações locais para gerais, ou seja, exemplificando, já não era apenas o valor da passagem a força motriz da indignação, mas era o sistema, enquanto gerador das desigualdades, as instituições democráticas, os altos gastos com a Copa do Mundo de Futebol e com as Olimpíadas; o dinheiro mal gerenciado como um todo. Nesse contexto, num apanhado podemos resumir a motivação como: um aparelho estatal que já não mais corresponde às expectativas dos cidadãos.

Esses movimentos ocorridos no Brasil no mês de Junho têm algo muito parecido com o OWS. Emanuel Castells, sociólogo espanhol, estava no Brasil durante o surgimento das manifestações e em uma entrevista a revista Istoé, quando indagado sobre as similaridades dos movimentos sociais contemporâneos afirmou que são “Redes na internet, presença no espaço urbano, ausência de liderança, autonomia, ausência de temor, além de abrangência de toda a sociedade e não apenas um grupo. Em grande parte os movimentos são liderados pela juventude e estão à procura de uma nova democracia.” (ISTOÉ, 2013, s.p.).

Importa ainda destacar que, na mesma entrevista, o autor assevera que, no caso brasileiro, a Presidente da República Dilma Rousseff fora a primeira líder mundial a ouvir o povo nas ruas, nessas movimentações sociais, demonstrando a força que esses movimentos podem chegar, ao colocar em discussão e na própria pauta do governo algumas de suas reivindicações gerais. (CASTELLS, entrevistado por ISTOÉ, 2013, s.p.).

Assim, mesmo diante do período curto das manifestações podemos afirmar que os acontecimentos recentes vêm para instituir um novo paradigma, uma nova forma de expressão dos movimentos sociais que têm a sua formação proveniente das redes sociais, a ausência de lideranças assim como o distanciamento dos partidos políticos. Verifica-se assim, que a movimentação social no Brasil guarda proximidade com o OWS, entre outras mobilizações sociais contemporâneas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo compreender os movimentos sociais, seus paradigmas teóricos e as práticas das mobilizações sociais atuais. Foi fundamental expor a teorização os movimentos sociais, para desenvolver bases teóricas sólidas com a finalidade de concluir que existe um novo momento nas mobilizações sociais, ou seja, um novo modelo de atuação dos sujeitos ao estabelecer um diálogo com o Estado, em que é possível reunir milhares de pessoas com bases ideológicas diferentes, das mais variadas classes da sociedade e sem um líder específico.

Tal afirmação foi possível, perpassando-se pelos paradigmas tradicionais, e analisando-se dois casos concretos – as mobilizações nos Estados Unidos, conhecidas como *Occupy Wall Street*, e os movimentos no Brasil, iniciados pelo aumento nos passes em São Paulo, tomando posteriormente o país como um todo.

Verificou-se que, entre os dois movimentos, bem como, dentre as características gerais dos novos movimentos sociais (teoria iniciada na Europa), a atuação é catalisada pela internet, especialmente pelas redes sociais.

Conclui-se ainda que não existe um conceito sobre movimento social, mas que existem vários e que este entendimento pode mudar de acordo com o paradigma que foi utilizado para a análise e de acordo com fronteiras de tempo e espaço. E mais, a categoria movimentos sociais pode se transformar, à medida que a prática das mobilizações utilizadas para estabelecer diálogos com o Estado se transforme.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **A modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Tradução de Arlene Caetano. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

GAZETA DO POVO. Website oficial. **Protestos contra Wall Street se espalha pelos EUA**. Publicação em 04/10/2011a. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/conteudo.phtml?id=1176264&tit=Protesto-contr-Wall-Street-se-espalha-pelos-EUA>>. Acesso em: ago/2013.

GAZETA DO POVO. Website oficial. KRISTOF, Nicholas (colunista). **Os banqueiros e os revolucionários**. Publicado em 04/10/2011b. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/conteudo.phtml?tl=1&id=1176266&tit=Os-banqueiros-e-os-revolucionarios>>. Acesso em: ago/2013.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais contemporâneos**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>. Acesso em: ago/2013.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

HABERMAS, Jurgen. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. Vol. II. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

ORGANISTA, José Henrique Carvalho; SANTOS, Carina da Cunha; CAMPOS, Carlos de Almeida. **Movimentos sociais**: aportes teóricos. Disponível em <<http://www.uff.br/ivspesr/images/Artigos/ST09/ST09.1%20Jose%20Henrique%20Carvalho%20Organista.pdf>>. Acesso em: ago/2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 19 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma:** para compreender o mundo de hoje. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

NUNES, António José Avelãs. **A crise do capitalismo:** capital financeiro, neoliberalismo, globalização. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2012.